

JOANA GAMA

gamajoana@gmail.com

Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

CE QUE JE SUIS: A MULTIDISCIPLINARIDADE COMO *MODUS OPERANDI* OU A TRANSGRESSÃO COMO FILOSOFIA

“Toda a gente vos dirá que eu não sou músico. É justo” (Satie, 1912, p. 69). Assim começa o compositor Erik Satie o seu texto intitulado “Ce que je suis”, que repliquei no título deste capítulo. Desde logo se vê o seu carácter provocatório, indissociável da sua produção artística, que tanto me tem inspirado a esbater fronteiras no meu trabalho ao longo dos anos.

Comecei por falar de Erik Satie pelo facto de personificar algo que sempre me interessou: a possibilidade de, através da música, nos colocarmos em contacto com a vida e com outras formas artísticas. Ingressei aos cinco anos no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga e lá comecei a estudar piano. Graças à minha primeira professora de piano, Ema Pais Martins, ganhei gosto pelo palco, pelo prazer de partilhar o que ia aprendendo. Quando era a sua aluna mais nova, e, por isso, a primeira a tocar, a professora dizia-me: “não te esqueças de abrir a audição com chave de ouro!”, incutindo-me assim brio e respeito pelo ato de tocar em público. Já nessa altura a professora nos falava da importância de irmos bem vestidas para o concerto, no sentido de distinguir aquele momento do resto do dia a dia. No fundo, alertava já para a questão da *mise-en-scène*, elemento indissociável das artes performativas.

Na adolescência, quando me comecei a envolver mais a fundo com a música e com o piano, percebi que a música que mais me seduzia era aquela que remetia para algo extramusical. Das muitas obras que me marcaram, destaco o ciclo de Franz Liszt, *Années de pèlerinage/Anos de peregrinação*, que ouvi inúmeras vezes na interpretação de Lazar Berman (1977).

Figura 1: Capa do disco *Années de Pèlerinage*

Fonte: <https://www.amazon.com/Liszt-Pelerinage-Complete-Recording-Pilgrimage/dp/B000001GHB>

Este ciclo, que se interliga com aspetos mais pessoais da vida do compositor (aspeto que não aprofundaremos neste contexto), é dividido em três tomos – primeiro ano: Suíça; segundo ano: Itália (com o suplemento “Veneza e Nápoles”) e terceiro ano. Trata-se de um ciclo composto por 26 peças que fazem referência a muitos aspetos extramusicais, algo que muito me fascinou na altura e que, sem saber, viria a ser marcante no meu percurso. Desde a peça *Sposalizio* (O casamento da virgem, que remete para o quadro de Rafael, uma obra que toquei na adolescência), a diversas obras que possuem epígrafes de Lord Byron ou Schiller, até *Orange/Tempestade* ou *Après une lecture de Dante*/Após uma leitura de Dante, Liszt procura não só inscrever a sua música num universo artístico mais abrangente como inspirar o pianista que toca as suas obras.

Talvez por isto, eu tenha decidido fazer uma tese de doutoramento intitulada *Estudos interpretativos sobre música portuguesa contemporânea para piano: O caso particular da música evocativa de elementos culturais portugueses* (Gama, 2017). Neste trabalho desenvolvido na Universidade de Évora, o processo construtivo da interpretação de 10 peças contemporâneas portuguesas para piano que evocam elementos extramusicais referentes à cultura portuguesa foi o cerne da investigação. O *corpus* de trabalho foi constituído por *Lume de chão* (2003 - 2004) de Amílcar Vasques-Dias, *Terras por detrás dos montes* (2011) de Carlos Marecos, *L'aire de l campo* (2003) de

Eurico Carrapatoso, *Variações sobre o coro da primavera* (2000) de Fernando Lapa, *Viagens na minha terra* (1953 - 1954) de Fernando Lopes-Graça, *Fogo posto* (2011) de João Godinho, *Para EBowed-Piano, melódica e field recordings* (2015) de Tiago Cutileiro e pelas versões para piano dos fados *Homem na cidade*, *Barco negro* e *Talvez se chame saudade* da autoria, respetivamente, de Vasco Mendonça, João Madureira e Pedro Faria Gomes, realizadas em 2007. A metodologia, assente na identificação, análise e confrontação dos elementos extramusicais com a música neles inspirados, mostrou, primeiramente, de que forma os compositores incorporaram essas referências nas suas peças, para depois averiguar como o contacto com as fontes originais influenciou a interpretação musical. Nestas obras encontram-se referências a Portugal ao nível da geografia, da literatura, da música tradicional, da música de intervenção, do fado ou das tradições populares. Ainda que haja diversos graus de referência e impacto na interpretação, defendi que o estabelecimento de pontes com os elementos culturais portugueses que inspiraram a criação destas obras foi um elemento distintivo na interpretação ao piano. Este tipo de abordagem teve influência em escolhas de carácter, expressividade, tempo, articulação e dinâmicas na interpretação das peças. Este trabalho de investigação materializou-se numa tese escrita, mas também em três recitais de piano que foram apresentados no decorrer da investigação. Mas, acabou por ramificar-se ao longo dos anos, dando origem a *Terras interiores/Over the hills*, trabalho de vídeo e fotografia desenvolvido com Eduardo Brito em 2013, *Trovoada*, peça de dança de Luís Guerra estreada em 2014 e, mais recentemente, o disco *Travels in my homeland*.

Terras interiores é um trabalho composto por quatro segmentos nomeados a partir de quatro terras do interior de Portugal: Paul, na Beira-Baixa; Reguengos de Monsaraz, no Alentejo; Miranda do Douro e Paradela, em Trás-os-Montes. A partir de *Terras por de trás dos montes* de Carlos Marecos, o fotógrafo Eduardo Brito e eu própria viajamos por duas vezes entre estas quatro terras, unindo-as num itinerário imaginário.

Estas viagens serviram não só para a recolha de material visual para a montagem e realização destas *Terras interiores*, mas também para a preparação da interpretação da peça por Joana Gama: aplicando a vivência do lugar à interpretação musical, a pianista está em Paul, Reguengos, Miranda e Paradela quando interpreta as peças homónimas. *Terras Interiores* é, assim, o resultado de um processo baseado na ideia de viagem, de viagem interior (e circular): a imagem das terras motiva música, a música motiva uma viagem em busca de imagens e as imagens alinham-se em

quatro segmentos filmicos e num conjunto de fotografias que estabelecem com os filmes uma relação de paragem, silêncio e durabilidade; de proximidade e referência. Mais do que um trabalho ilustrativo de uma certa ideia de um país interior, esquecido, abandonado, *Terras Interiores* pretende ser um espelho de uma lenta itinerância (as viagens foram feitas sempre por estradas secundárias, durando vários dias), que propõe possibilidades de resposta à questão: *que imagens convocam estas músicas?* (Brito, s.d.)



Figura 2: *Terras Interiores*

Créditos: Eduardo Brito

Para além de uma exposição de fotografias e vídeos, foi feito um concerto com a projeção das imagens e com as obras para piano interpretadas ao vivo no CAAA, Centro para os Assuntos da Arte e Arquitetura, situado em Guimarães.



Figura 3: *Terras Interiores* – registo do concerto no Centro para os Assuntos da Arte e Arquitetura (CAAA)

Créditos: Eduardo Brito

Por sua vez, a peça *Trovoada* foi concebida pelo coreógrafo e bailarino Luís Guerra, a partir da peça *Fogo posto* de João Godinho, e estreada na edição de 2014 do “Festival Circular” em Vila do Conde. Para esta peça, em que a música é interpretada ao vivo por mim, João Godinho desenvolveu a obra original, de forma a responder às solicitações do coreógrafo.

Em maio de 2019, lancei o disco *Travels in my homeland* (Gama, 2019b) pela editora Grand Piano (Grupo Naxos), onde estão gravadas as obras *Lume de chão* de Amílcar Vasques-Dias e *Viagens na minha terra* de Fernando Lopes-Graça. A possibilidade de gravar estas obras importantes do repertório português numa editora internacional, possibilita o acesso a esta música a um público mais vasto. Por ocasião do lançamento, foram realizados dois vídeos, em colaboração com João de Sá, no sentido de inscrever estas peças no contexto português. Para a obra *Citânia de Briteiros* de Fernando Lopes-Graça, baseada numa recolha de Rodney Gallop feita *in loco* de uma toada de pedreiros, fez-se um vídeo em que percorro aquele local e, enquanto sentadas naquelas pedras milenares, mimetizo com as mãos os gestos que faria para tocar aquela obra (Gama, 2019a).



Figura 4: Capa do disco *Travels in my homeland*

Créditos: Joana Gama

Com o compositor João Godinho, de quem fui colega na Escola Superior de Música de Lisboa, realizei ainda um outro projeto intitulado *Nocturno* (Gama & Pontes, 2017) Para esta peça feita em cocriação com o coreógrafo Victor Hugo Pontes, e onde entro como pianista e intérprete, o compositor fez a música original que é interpretada ao vivo. Alicerçado num trabalho com escolas, *Nocturno* é uma peça que fala sobre a noite no universo infantil, não tanto pelo lado onírico, mas pelo lado dos medos, dos fantasmas ou dos monstros. Pelo facto de a peça ser construída com base numa sucessão de sonhos e pesadelos, a música é também ela diversificada e apresentada de formas muito distintas: enquanto intérprete desta peça, toco com uma meia na cabeça, com luvas, sentada no chão, com o piano a ser empurrado, e até às cavalitas de um dos intérpretes, quando o *toy piano* (um pequeno piano vermelho) está suspenso.



Figura 5: *Nocturno a*

Créditos: Estelle Valente



Figura 6: *Nocturno b*

Créditos: José Caldeira

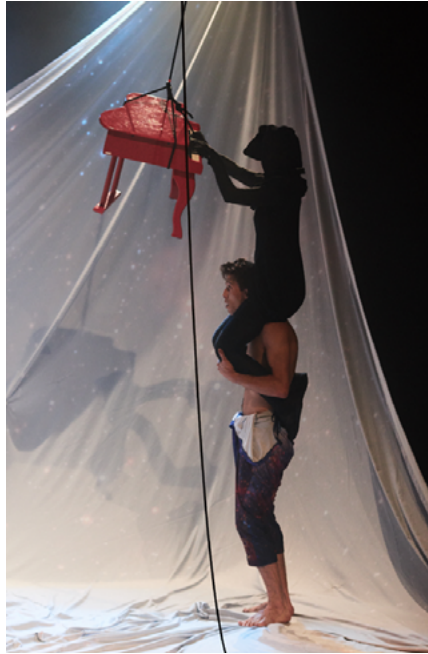


Figura 7: *Nocturno c*

Créditos: José Caldeira

Ao apresentar esta peça a um público infantil, uma vez que o público-alvo são alunos do primeiro ciclo, não só se mostra a possibilidade de o piano ser parte viva do cenário de uma peça, como a possibilidade de um pianista poder ter um papel ativo nas artes performativas, para além da interpretação ou composição musical. Paralelamente à apresentação do espetáculo, que está em itinerância desde 2017, foram editados dois materiais complementares: a partitura e o CD da música original do espetáculo, uma edição apoiada pela Direção-Geral das Artes. Para além de possibilitar que a música viva para além da peça, contrariando a efemeridade ligada às artes performativas, fez parte do projeto a ida a escolas de música para divulgar o trabalho, em sessões em que se mostraram imagens do processo de criação da peça e partes das músicas, com o intuito de suscitar interesse por parte de professores e alunos e, dessa forma, contribuir para a renovação do repertório (muitas vezes antiquado) que se usa no ensino musical.



Figura 8: Capa e contracapa da partitura de *Nocturno*

Créditos: São Luiz Teatro Municipal, Lisboa

As minhas colaborações com a coreógrafa Tânia Carvalho já vinham preparando este caminho. Com *Danza Ricercata* (Gama & Carvalho, 2008), um solo que a coreógrafa criou para mim, esta coreografou os meus movimentos enquanto interpreto a peça *Musica Ricercata* de György Ligeti. A música é interpretada tal como está escrita, mas a pianista está em personagem, e para cada um dos 11 andamentos, há uma particularidade diferente, desde rodar a cabeça lentamente para o público, dançar uma espécie de tango com uma rosa na boca, ou fazer *headbanging*.



Figura 9: *Danza Ricercata*

Créditos: Carlos Manuel Martins

27 *Ossos* (Carvalho, 2012) é uma peça para quatro intérpretes: três bailarinos e uma pianista. A música criada por Diogo Alvim para *toy piano*, é interpretada ao vivo por mim e a interpretação musical é uma extensão da coreografia da peça, não se trata de fazer música para os bailarinos: aquela personagem toca *toy piano*, mas move-se no espaço e faz parte de um todo orgânico.



Figura 10: 27 *Ossos*

Créditos: Margarida Dias

Amante das artes performativas, paralelamente à sua produção maioritariamente para piano, Erik Satie fez música para várias peças, nomeadamente *Parade* de Jean Cocteau (com figurinos de Pablo Picasso) ou *Relâche* de Francis Picabia. Para o intervalo de *Relâche* foi encomendado a René Clair um pequeno filme a que se deu o título de *Entr'acte*, que conta com música e participação especial de Erik Satie, e de outros vultos artísticos como Man Ray ou Duchamp. Aliás, Man Ray terá dito que Erik Satie era o único músico que tinha olhos e talvez por isso o compositor fosse tão esmerado na sua caligrafia que chegou a várias caixas de correio, não fosse Satie um copioso escritor de cartas. E para além de inúmeros textos que chegaram até nós, dispersos por publicações da época, sabemos que Erik Satie gostava de desenhar e que teve como *hobby* a criação de cartões-de-visita de empresas imaginárias, para as quais desenhou logotipos (Volta, 1979).



Figura 11: Exemplos de cartões-de-visita criados por Erik Satie

Fonte: Volta, 1979, p. 23

O parágrafo acima contextualiza quatro trabalhos meus em torno de Erik Satie, que surgiram de possibilidades que o próprio compositor apresentou através da sua obra. São eles o livro *Embryons desséchés/Embriões ressequidos* (2016), o projeto *Harmonies* (2016), a interpretação da peça *Vexations* (2016, 2017 e 2019) e o livro/disco *Arcueil* (2019).

Comecei a investigação e interpretação ao piano da obra de Erik Satie em 2010 e, em 2016, por ocasião da celebração dos 150 anos do nascimento do compositor, fiz uma digressão intitulada SATIE.150. Esta foi uma celebração em forma de guarda-chuva, que consistiu em inúmeros concertos e palestras em Portugal e no estrangeiro. No dia do aniversário de Erik Satie, 17 de maio, foi lançado o livro *Embryons desséchés/Embriões ressequidos* da Pianola Editores, cuja edição coordenei. Trata-se de uma edição especial da partitura da peça para piano homónima que, pela sua natureza, inspirou este trabalho feito a várias mãos. Esta peça tem três andamentos, cada um

com o nome de um animal marinho e, para cada andamento, o compositor escreve uma pequena descrição desse animal e junta, no meio das pautas, um pequeno texto humorístico que não é para ser lido em público, mas sim apenas pelo pianista que estuda a obra. Pela vontade de partilhar estes aspetos com o público geral, foi feita uma edição bilingue que conta ainda com ilustrações originais de Luís Manuel Gaspar.

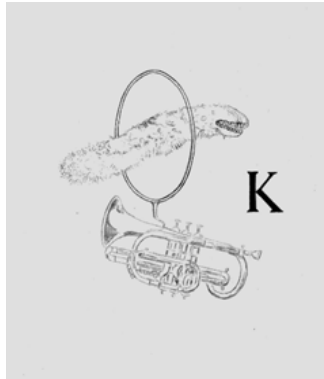
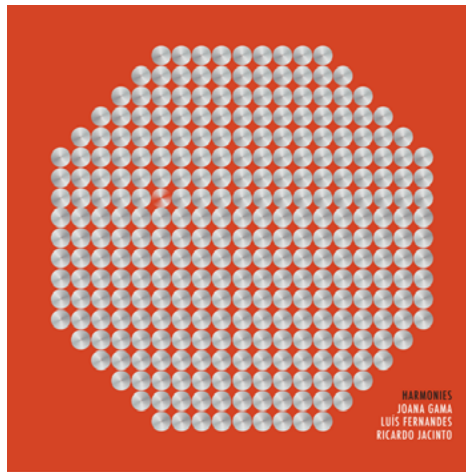


Figura 12: *Embryons desséchés*

Créditos: Holotúria por Luís Manuel Gaspar

Nesse mesmo ano, respondendo a uma encomenda do Teatro Maria Matos, juntamente com Luís Fernandes e Ricardo Jacinto, foi estreado um concerto, que foi registado em disco na editora Shhpuma, onde partimos da música, dos desenhos e dos textos de Erik Satie para a criação de uma obra nova. O título de uma das músicas faz referência à origem de algum do material musical que usámos, e no concerto foram projetadas frases e pormenores de desenhos de Erik Satie. A própria capa do disco foi inspirada no cenário do bailado *Relâche* de Francis Picabia, que referi anteriormente.

Figura 13: Capa do disco *Harmonies*

Créditos: Shhpuma

Este foi o segundo trabalho feito em colaboração com Luís Fernandes, com quem tenho um duo de piano e eletrónica, e com quem lancei os discos *Quest* (Shhpuma, 2014) e *At the still point of the turning world* (Room40, 2018).

Erik Satie nunca referiu a obra *Vexations*, apenas se soube da existência desta obra após a sua morte. Trata-se de uma página de música que, como epígrafe, contém a indicação “para se tocar 840 vezes seguidas este motivo, será bom preparar-se de antemão, no maior silêncio, nas mais sérias imobilidades”¹. John Cage foi quem promoveu a primeira execução pública da obra em 1963, em Nova Iorque, naquele caso tocada sucessivamente por vários pianistas, numa performance que durou cerca de 18 horas e 40 minutos. Mas depois disso, vários pianistas se aventuraram na interpretação solitária da obra, inclusivamente eu. Nunca toquei a obra na íntegra, mas apresentei-a em quatro contextos distintos: em 2016, no “Festival Serralves em Festa”, fiz uma performance de 40 minutos da peça, e, passado um mês, apresentei-a novamente, numa performance que durou 15 horas, no “Festival Jardins Efémeros” em Viseu. Em 2018, fiz uma interpretação que durou 14 horas na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa, no âmbito do “Festival Pianomania!” e, em 2019, apresentei a obra em relação com o coreógrafo e bailarino João Fiadeiro durante sete horas

¹ Ver https://en.wikipedia.org/wiki/File:Vexations_erik_satie_piano_sheet.jpeg

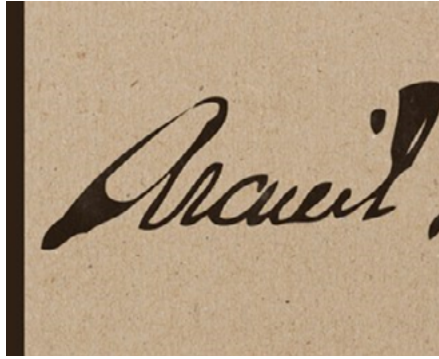
no último evento do Atelier Real em Lisboa. Mais do que uma peça musical, *Vexations* é uma performance impactante para público e intérprete pela questão da repetição. Trata-se de uma peça lenta e densa, que terá sido concebida como catarse de uma relação amorosa com Suzanne Valadon que terminou muito mal.



Figura 14: *Vexations* na Fundação Calouste Gulbenkian

Créditos: Márcia Lessa

Por ocasião do lançamento do disco *Satie.150* (2017), corolário das celebrações de 2016 e onde registei o repertório dos concertos que fiz nesse ano, comecei a fazer um novo recital de piano onde intercalava a música de Erik Satie com a de outros compositores que, de formas diversas, são o resultado de caminhos que Erik Satie abriu, assunto que só por si daria um trabalho paralelo. Esse novo recital foi editado no final 2019 e, pela natureza das suas obras, inspirou uma edição livro/disco intitulado *Arcueil* (co-edição Boca e Miasoave), o nome do subúrbio parisiense onde Erik Satie viveu os últimos 27 anos da sua vida.

Figura 15: Capa do livro/disco *Arcueil*Fonte: <https://www.livrariasnob.pt/product/arcueil>

O disco é composto por obras de Erik Satie, Marco Franco, Federico Mompou, John Cage, Morton Feldman e Vítor Rua. No livro, cada obra musical é acompanhada por um texto meu que aborda elementos distintos dessas obras (quer seja a sua importância na produção do compositor, ou na minha relação com a obra) e algo extramusical original, que pode ser desenho, gravura, poema ou excerto da partitura. Os autores dessas obras são Marco Franco, Nuno Moura, Ricardo Jacinto, André Laranjinha, Tiago Cutileiro e Vítor Rua.

Para quem pensou que, ao fazer o curso superior de piano na Escola Superior de Música de Lisboa, teria uma vida de intérprete de repertório canónico, a realidade tem sido bem surpreendente. Esta possibilidade de, através do piano, estar em contacto com outras formas de artes e participar na criação de repertório, livros e obras ligadas às artes performativas, tem sido desafiante e muito enriquecedora, mostrando que a formação na área da música clássica não tem de ser castradora, mas sim um ponto de partida para a exploração de um caminho pessoal.

REFERÊNCIAS

Berman, L. (1977). *Années de Pèlerinage de Franz Liszt*. Deutsche Grammophon.

Brito, E. (s.d). *Terras interiores*. http://www.eduardobrito.pt/terras_interiores.html

Carvalho, T. (2012). *27 ossos*. <https://www.taniacarvalho.org/27-bones>

- Gama, J. (2017). *Estudos interpretativos sobre música portuguesa contemporânea para piano: O caso particular da música evocativa de elementos culturais portugueses* [Tese de Doutoramento, Universidade de Évora]. Repositório Digital de Publicações Científicas da Universidade de Évora. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/21018>
- Gama, J. (2019a). *Joana Gama. Citânia de Briteiros* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=vLLgW1UxuSs>
- Gama, J. (2019b). *Travels in my homeland*. <https://www.naxos.com/ECard/GrandPiano/GP792/>
- Gama, J. & Carvalho, T. (2008). *Danza ricercata*. <https://www.taniacarvalho.org/danza-ricercata>
- Gama, J. & Pontes, V. H. (2017). *Nocturno*. <https://www.nomeproprio.pt/cBko5ddjvl/nocturno/>
- Satie, E. (1912, 15 de abril). *Ce que je suis*. *Revue de la S. I. M*, 69. https://fr.wikisource.org/wiki/Ce_que_je_suis
- Volta, O. (1979). *L'ymagier d'Erik Satie*. Editions Van de Velde.

Citação:

Gama, J. (2021). *Ce que je suis: A multidisciplinaridade como modus operandi ou a transgressão como filosofia*. In H. Pires & Z. Pinto-Coelho (Eds.), *Transartes, arte expandida e novas linguagens* (pp. 85-100). CECS.